



MOA SIPRIANO

Natalino

NATALINO

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração
Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia
pixabay.com
dafont.com

Todos os direitos reservados a
Moa Sipriano

Site oficial & Contato
moasipriano.com
escritor@moasipriano.com

Dezembro. Segunda quinzena.

Era uma vez Natalino, um *bambee* muito solitário.

Abduzido entre surrados lençóis emoldurados pelo ácido suor, Natalino permanecia estático, nu, distante e carente enquanto viajava em pensamentos sem um pingo de sentido, rodopiando no abraço do Caos; afogando-se num vazio repleto de inerências.

Desperdiçando os últimos alentos de suas férias, Natalino afundara na cama durante os três últimos dias. Casa trancada, telefone desligado, cortinas cerradas, geladeira vazia, Internet a todo vapor.

No final do terceiro dia, uma leve reação de incômodo começava a esboçar suas forças perante aquele corpo franzino, de vida embotada.

Lá fora, nascia um domingo amorfo. Lá dentro, morria um ser em prantos e desesperos, onde o rapaz que um dia fora belo passara as últimas cinco horas do trigésimo turno navegando pela Grande Rede, procurando alucinadamente qualquer pinto que pudesse apaziguar seu atroz sofrimento fetal.

Na ducentésima sala de bate-papo, exausto, ele se apresentou aos carniceiros de plantão com o *nick* sugestibilíssimo: “*rapaz_carente_31_proc_amor_AT*”.

Choveram virtuais Ativos Oferecidos, dispostos a dar uma bela consolada no moçoilo. Porém, era inevitável a enxurrada de pérolas cretinas a esmerdear a tela: “Você tem local? Você também é Ativo ou só Passivo? Como você é? Que tamanho tem seu mastro? O que você curte com outro homem? Você é afeminado?” e por aí foi.

Natalino Bambee respondia a todos com extrema e abatida paciência, tentando em vão explicar aos ignorantes reais que tudo o que ela desejava era um ombro másculo onde pudesse apoiar sua cabecinha confusa e derramar algumas toneladas de lágrimas sólidas em pegajosa tristeza, enquanto seu salvador compreensivo (porém, utópico) o cobriria de abraços e beijos carinhosos, calorosos, inesquecíveis.

Ah, sim, é verdade: Bambee tinha local, era preferencialmente Passivo, era a cara e fuça do Justin, tinha dezenove vírgula seis de viga e curtia tudo com outro cara, desde que pudesse ser submisso a todos os caprichos do seu macho, sem reclamar, sem se opor a nada.

* * *

A quarta madrugada penetrou doída e gélida.

Natalino, num respaldo de heroísmo, conseguiu desvencilhar seu corpo fino das garras do colchão de molas moídas, herança do seu avô.

Boarte: a resposta para todos os males bambeesticos reinava no interior da Boarte!

Superando todas as dores, ele deu um trato no corpo farrapo, lambuzando Dove de alto a baixo, envolto nas águas claras, quentes, cortantes; esfregando o hidratante em todos os poros do seu um e setenta e uns quebrados de pele e osso e melancolia.

De passagem, eis que a Dona Esperança surgiu pirlimpimpêscamente, de mansinho, e soprou em seu ouvido direito uma adocicada mensagem, afirmando – categórica – que antes do raiar do dia ele encontraria um Bofie maravilhoso se expondo na pista de dança, disposto a tudo a fim de expurgar as dores de ambos.

O Amor, por encanto, despertaria bem antes da sexta badalada. E o novo amanhecer seria recompensado com fartas horas de muito carinho e bons pegas e louca fodaria até a metade de um novo dia.

Natalino, iludido e empolgado, se enxugava no quarto enquanto encarava o relógio onde uma galinha jamais cansava de bicar os grãos de milho pintados no fundo branco-em-algum-lugar-do-passado.

Duas horas. Ainda dava tempo, já que a Boarte só encerraria suas atividades coloridas lá pelas sete da matina ou até o penúltimo Colorido tomar (e pagar) a última cerveja.

Ele caprichou na produção-restart. Muito brilho, muitas águas de cheiros, muitos sachês de lubrificante e punhados de camisolas bem guardadas no bolso lateral da calça verde-limão fluorescente modelo *peloamordedeusolhempramim*.

Dez minutos separavam o rapaz sem brilho próprio do seu destino néon.

Natalino estava confiante no encontro da cura para todos os males que afligiam seu coração abestado e seu rabo selado. No interior da Boarte ainda ferviam possibilidades. A música *deee-lite* martelava os poucos neurônios sóbrios que restavam na cabecinha avoadada de um bambee afoito.

Dança, dança, bebe, olha e caça.

O tempo acabou.

A badalada de número seis chegou e foi embora... rapidinha.

Dona Madrugada veio logo atrás, triunfante, bêbada, decadente em sua melhor forma. No lugar do bofie dançante prometido por Dona Esperança, quem surgiu para acabar de vez com a festa foi Dona Carência, estonteante em seu corpo de curvas generosas recoberto por um Armani preto. E nada mais.

Dona Carência sentou-se ao lado de Natalino, empurrando-o com violência para um canto sombrio. Rindo alto, mais do que histérica, enquanto sorvia “cocazero”, a velha senhora encarava sua vítima com escárnio e seu olhar acinzentado revelava que, mais uma vez, ele permaneceria perdido no vazio de suas mazelas, pois aquela madrugada não seria preenchida por momentos de alegria, prazer e satisfação ao lado de um macho gostoso.

Ele bebeu e sofreu e conferiu todos felizes, todos enganchados em pares, trios ou em grupos famintos; Todos a lamber Todo Mundo, toda parte, todo poro, toda saliva, muita porra.

Tudo sem proteção. Todos sem salvação.

Ele chorou, sentiu-se *feia*, inútil, inválido e sozinho, como sempre.

O rapaz, destroçado, volitou até a arrasada casa. Emborcou trocentas garrafinhas de Smirnof Ice, uma atrás da outra, sem parar.

Lá pelas tantas, aquecido pelos primeiros raios de um Sol vesgo, resolveu tocar em alto e distorcido som o “bêstaófe” da trigésima edição do *the best of* do Abba baixada do pirategay!

Natalino riu, pulou, gritou, cantou, chorou, punhetou mamamiamente até a Grande Bola Amarela queimar seu corpo nu, distante e carente, despedaçado sobre o carcomido tapete, exausto de tantos desencontros.

Pierce Brosnan já não era mais o mesmo.

Mas até cantando ele continuava um tesão!

* * *

Aquele domingo passou batido. Veio a odiosa segunda-feira.
Oito da manhã. Estavam atrasados.

Duda estacionara em frente à casa de Natalino Bambee, sua amiga inseparável.

Oito minutos.

Buzina, buzina e nada daquela vaca aparecer.

Duda inspira fundo, arruma os peitos, sai do carro toda esbaforida, se equilibra no salto baixo, caminha sobre o cascalho, estanca diante da porta de vidro, confere o visual, começa a bater à porta delicadamente, desajeitado, tudo para não estragar as unhas recém-manicuradas.

Os tapas delicados se transformam em murros desesperados. Nervoso, presentindo o pior, Duda recupera seus instintos macholinos.

Utilizando-se da sua rara porção bronco, ele desmantelou a fechadura, em segundos. Ao entrar na sala que recendia a álcool, dor e tristeza, Duda viu a coitada esparramada no tapete; um corpo vítreo, rígido, alongado ao lado do sofá de couro branco.

E dá-lhe Abba! Agora na versão Erasure!

Tapinhas irritadiços no rosto de Natalino recuperaram porcamente seus sentidos. Ele acorda, procura Wally, chora, diz que se sente derrotado mais uma vez, e em prantos colossais desaba a cabeça suada e fedida sobre o colo de Duda, que horrorizada com cena tão deprimente, decide levar a Miga até um hospital, na esperança de curá-lo da overdose de vodca *ice* misturada com burrice *hot*.

* * *

Quarta-feira. Horário de visitas.

Duda encara Natalino por um tempo incômodo demais para ambos.

Bambee, morta de vergonha, não tem coragem de devolver o olhar ao amigo. Dentro de poucos minutos virá a ordem de soltura. Ele poderá voltar para casa, descansar mais alguns dias, para depois retornar ao trabalho e às obrigações de sua vida.

Duda, enchendo os pulmões de misericórdia, segurou a fragilidade alheia, tentando acariciar aquelas mãos com um paciente carinho.

Era a terceira vez que Natalino Bambee aprontava das suas.

Chamar a atenção daquele jeito não ia resolver a raiz do problema.

Duda despejou o breve discurso decorado de véspera e seu olhar budista obrigava o outro a permanecer calado, porém de ouvidos bem abertos.

“Todo mundo está à procura de todo mundo. Todos nós nos sentimos carentes inúmeras vezes no decorrer da nossa rápida existência. A merda é que achamos que somente uma companhia especial, inatingível, tem o poder de suprir a totalidade dos nossos desejos de afeto, atenção e carinho. Olha, Miga, eu sei que é essencial, nos momentos difíceis, ter o apoio de um ombro amigo, sentir um abraço apertado e palavras de conforto naquelas horas em que acreditamos estar prestes a desabar diante das pressões do Universo.

“O problema, sua louca, é que confundimos tudo quando estamos abalados na cachola e no espírito. Queremos não só acabar com a nossa carência, mas exigimos também uma boa transa e, de preferência, um amor eterno e perfeito incluído no pacote.”

Natalino começou a rir, tímido e todo sem graça, ao compreender o quanto era idiota seu viciado comportamento de escape. Duda, apertando as mãos do amigo, desferindo-lhe doses homeopáticas de sensível carinho e dosado calor, manteve a cara fechada e o olhar luminoso, compreensivo:

“Resumindo: queremos que os outros resolvam nossos problemas e não fazemos nada, absolutamente nada para descobrir as causas da nossa solidão e da eterna carência. Nunca damos a volta por cima por nós mesmos. Gostamos de atuar no eterno papel de vítimas.

“Miga, nada é fácil, eu sei, mas acredite: se você está carente, pode ter certeza de que a culpa é somente sua! Pare de ficar aí se lamentando, se fodendo sem ser bem fodida. Que tal utilizar seus dons naturais e sua experiência de vida para ajudar quem realmente precisa e se encontra num estado mais lastimável que o seu?”

Natalino arregalou os desfocados olhos mareados, como a perguntar o óbvio: então... o que eu posso fazer?

“Olha, estamos numa época perfeita para a Ação. Você poderia, por exemplo, se candidatar como voluntário em alguma instituição filantrópica decente. Ajude para ser ajudado. Faça alguma coisa que você gosta e faz com maestria, e ensine, passe adiante o seu melhor aos menos afortunados. Você é tão inteligente e tem tanto conhecimento guardado, mofando dentro de si-você-mesmo! Dê um curso bem divertido de Inglês para pessoas carentes;

pinte a fachada de uma creche, visite um parente distante que não recebe notícias suas há séculos; podemos organizar uma equipe de pessoas na mesma afinidade e juntos ser úteis à sociedade.”

Ele começou a chorar, percebeu que faltavam poucos dias para o Natal, e seu olhar implorou um: “você me ajuda a dar esse passo?”.

Duda sorriu, abraçou o amigo confuso, selando seu discurso ao pé do ouvido, onde sussurros vibravam em profundo amor fraternal:

“Ajudando outras pessoas, você vai conferir, ao vivo, o quanto sua dor não é nada comparada à Dor do Mundo. Doando-se a quem merece seus préstimos, você voltará para casa muito mais leve e certamente bem mais feliz. E daí sim, quando estiver novamente cem por cento, você estará preparado para dividir uma vida com alguém. Lembre-se que a magia só acontece quando você não a procura. Na hora exata ele vai pintar, um sorriso vai unir vocês dois, uma amizade sincera vai surgir, as afinidades vão se entrelaçar.”

Natalino, fungando, sabia que Duda era prova concreta de suas palavras repletas de fundamento. Ele invejava a união de Duda e Marcelo, que compartilhavam uma vida harmoniosa há oito anos, sendo que Duda sempre dizia que o encontro entre os dois se deu quando ambos não estavam correndo atrás do Amor, já que é o Amor que procura aqueles que emanam merecida Afinidade.

Eles se abraçaram, trocando carícias bobas, infantis, sinceras.

“Lembre-se, Miga, que para o tão sonhado surgimento do Amor... você tem que dar amor antecipadamente. Eu disse dar amor, não o rabo. Distribuir amor atrai o Amor. Tudo é simples assim!”

A enfermeira pigarreou sua entrada, fazendo-se imponente diante dos rapazes. Natalino tomou o penúltimo comprimido, ouviu as últimas recomendações, aguardou mais alguns instantes, deixou o hospital confiante, pois sabia que ao passar por aquela porta ali adiante, uma nova perspectiva o aguardava.

Ao entrarem no carro, Duda surpreendeu o amigo, jogando o boné no banco de trás, colocando em seguida um gorro *rosachóqui*, com um pompom verde na ponta, onde na base uma gliterizada faixa branca nada discreta quase cobria o seu olhar vibrante, agora na versão *xmas*. Duda deu um gorro idêntico a Natalino.

Dingombel, dingombel!!!

Adeus Senhora Carência.

Seja bem-vindo senhor Amor sobrenome Fraternal!

Natalino sentiu que tudo dependeria do seu primeiro passo. Ele sabia que a nova caminhada no decorrer dos certos trajetos lhe renderia sabedoria, prazer, conhecimento e compreensão.

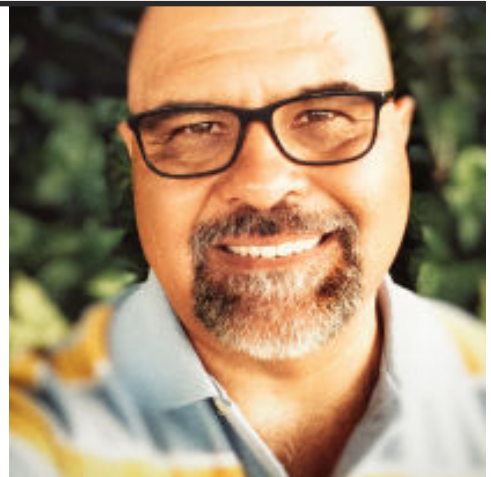
Compartilhar era o Segundo Segredo.

Pegue o mapa aqui. Siga as setas douradas.

Atrás da terceira curva, logo após a oitava subida, você encontra a majestosa casa da Dona Felicidade. Só não chega até lá quem não quer.

E você nunca chega sozinho onde deve chegar. Jamais!

Pois seu homem – *o Prometido* – sempre estará bem ao seu lado... sempre!



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: moasipriano.com

Contato: escritor@moasipriano.com

Instagram: [instagram.com/moasipriano](https://www.instagram.com/moasipriano)
